

Matos

As Viagens de Sophia de Mello Breyner



IEFP - Sector Terciário

CLC_7 - Fundamentos de Cultura
Língua e Comunicação

Formadora: Sónia Matos

Trabalho realizado:
Vera Valadeiro,
nº20

TAG-4/2010

01-04-2011

Índice

Índice

Índice	2
Introdução	3
Vida e Obra de Sophia de Mello Breyner Andresen	4
Simulação de Autobiografia	11
Resumo da obra	14
Comentário pessoal sobre a obra	19
Conclusão	20
Bibliografia (trabalho)	21

Introdução

Este trabalho consiste em escolhermos uma obra literária de um autor de língua portuguesa, trabalharmos e falarmos sobre o que lemos e o seu autor.

Eu, no meu caso, escolhi uma obra de Sophia de Mello Breyner Andersen, “A Fada Oriana”, e vou falar do percurso da autora e deste mesmo livro.



Eu escolhi esta autora e este livro, porque acho que a Sophia de Mello Breyner foi uma excelente autora portuguesa, e os seus livros fazem-nos viajar e sonhar, pois ela era uma grande poetisa.

Escolhi esta obra em concreto “A Fada Oriana”, porque é uma história que marca muito a minha infância, fazendo-me reviver a época em que li pela primeira vez esta história, é uma história bonita, que nos leva para um mundo imaginário, cheio de sonhos e esperança.



Vida e Obra de Sophia de Mello Breyner Andresen

Sophia de Mello Breyner Andresen, nasceu no Porto a 6 de Novembro de 1919, e foi uma das mais importantes poetisas portuguesas de século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o prémio Camões, em 1999.

Sophia tem origem Dinamarquesa pelo lado paterno, seu bisavô, Jan Heinrich Andresen, desembarcou um dia no Porto e nunca mais abandonou essa região, tendo o seu filho comprado em 1985, a Quinta do Campo Alegre, que hoje é o jardim Botânico do Porto.

Sophia foi criada na velha aristocracia portuense, dentro dos valores tradicionais da moral cristã.

Durante a sua vida fez varias coisas, entre elas foi dirigente de movimentos universitários católicos, colaborou na revista Cadernos de Poesia, tornou-se ainda numa das figuras mais representativas de uma atitude política liberal, apoiando o movimento monárquico e denunciando o regime salazarista, ficou ainda célebre como canção de intervenção dos católicos progressistas a sua “cantata da paz”.

Casou-se em 1946, como o jornalista, político e advogado Francisco Sousa Tavares e foi mãe de cinco filhos, uma professora universitária de letras, um jornalista e escritor de renome (Miguel Sousa Tavares), um pintor e ceramista e mais uma filha que é terapeuta ocupacional e herdou o nome da mãe.

Os seus filhos é que a motivaram a escrever contos infantis.

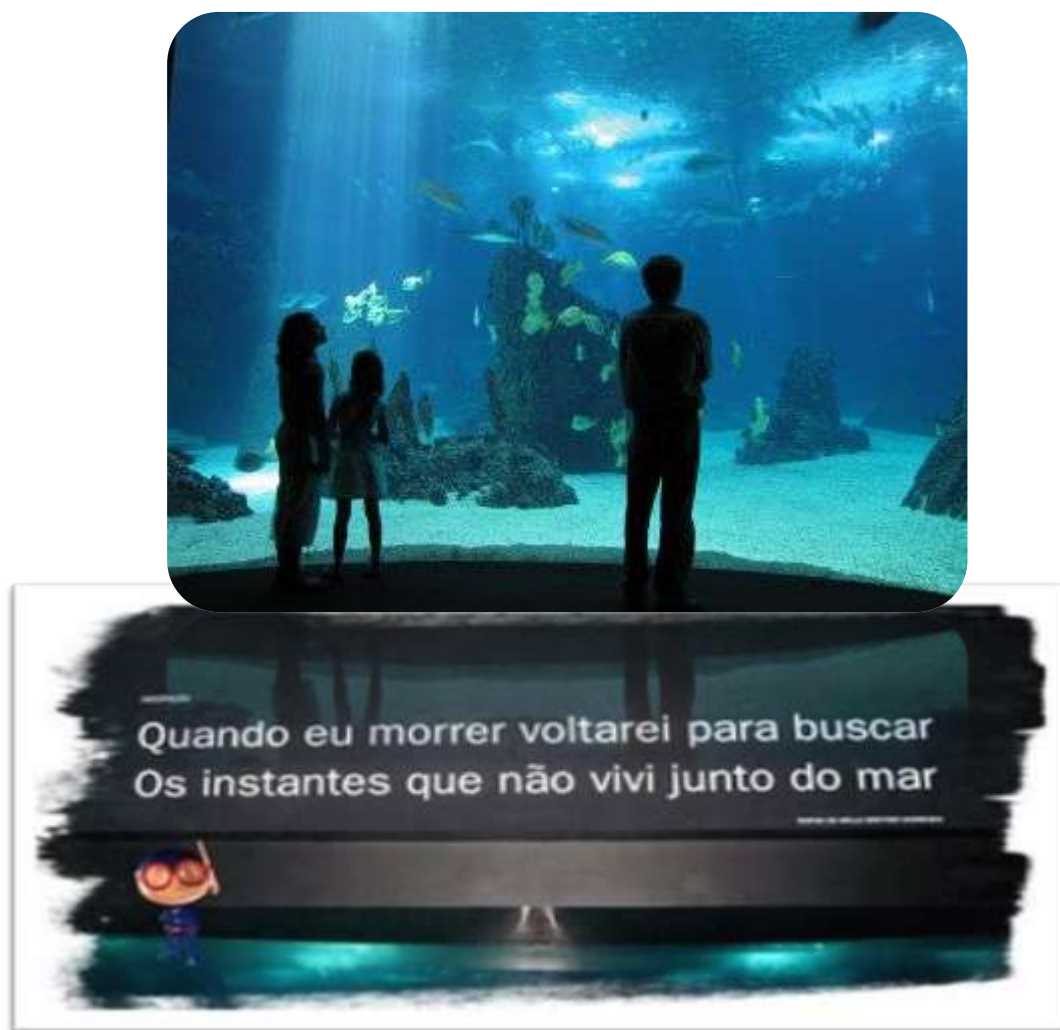
Em 1964 recebeu o grande prémio de poesia pela sociedade portuguesa de escritores pelo seu livro “livro sexto”. Já depois da revolução dos cravos (25 de Abril), foi eleita para a assembleia constituinte, em 1975, pelo círculo do Porto numa lista do Partido Socialista, enquanto o seu marido navegava rumo ao Partido Social Democrata.

Distinguiu-se também como contista (contos exemplares) e autora de livros infantis (A menina do mar, O cavaleiro da Dinamarca, A floresta, O rapaz de bronze, A fada Oriana, etc.), foi também tradutora de Dante Alighieri e de Shakespeare e membro da academia das ciências de Lisboa.

Para além do Prémio Camões, foi também distinguida com o Prémio Rainha Sofia, em 2003.

Sophia de Mello Breyner faleceu, aos 84 anos no dia 2 de Julho de 2004.

Desde 2005, no oceanário de Lisboa, as seus poemas com ligações fortes ao mar foram colocados para leitura permanente nas zonas de descanso da exposição, permitindo aos visitantes absorverem a força da sua escrita enquanto estão imersos numa visão do fundo do mar.



Poesia

- Poesia (1945, Cadernos de Poesia, nº 1, Coimbra; 3ª ed. 1975)
- O Dia da Mar (1947, Lisboa, Edições Ática; 3ª ed. 1974)
- Coral (1950, Porto, Livraria Simões Lopes; 2ª ed., ilustrada por Escada, Lisboa, Portugalíia, 1968)
- No Tempo Dividido (1954, Lisboa, Guimarães Editores)
- Mar Novo (1958, Lisboa, Guimarães Editores)
- Livro Sexto (1962, Lisboa, Livraria Moraes Editora; 7ª ed. 1991)
- O Cristo Cigano (1961, Lisboa, Minotauro, ilustrado por Júlio Pomar)
- Geografia (1967, Lisboa, Ática)
- Grades (1970)
- 11 Poemas (1971)
- Dual (1972, Lisboa, Moraes Editores; 3ª ed., Lisboa, Salamandra, 1986)
- Antologia (1975)
- O Nome das Coisas (1977, Lisboa, Moraes Editores)
- Navegações (1983)
- Ilhas (1989)
- Musa (1994)
- Signo (1994)
- O Búzio de Cós (1997)
- Mar (2001) - antologia organizada por Maria Andresen de Sousa Tavares
- Primeiro Livro de Poesia (infanto-juvenil) (1999)
- Orpheu e Eurydice (2001)

Poemas não incluídos na Obra Poética:

- "Juro que venho para mentir"; "És como a Terra-Mãe que nos devora"; "O mar rolou sobre as suas ondas negras"; "História improvável"; "Gráfico", Távola Redonda - Folhas de Poesia, nº 7, Julho, 1950.
- "Reza da manhã de Maio"; "Poema", A Serpente - Fascículos de Poesia, nº 1, Janeiro, 1951.
- "Caminho da Índia", A Cidade Nova, suplemento dos nº 4-5, 3ª série, Coimbra, 1958.
- "A viagem" [Fragmento do poema inédito "Naufrágio"], Cidade Nova, 5ª série, nº 6, Dezembro, 1958.
- "Novembro"; "Na minha vida há sempre um silêncio morto"; "Inverno", Fevereiro - Textos de Poesia, 1972.
- "Brasil 77", Loreto 13 - Revista Literária da Associação Portuguesa de Escritores, nº 8, Março, 1982.
- "A veste dos fariseus", Jornal dos Poetas e Trovadores - Mensário de Divulgação Cultural, nº 5/6, 2ª série, Março/Abril, 1983.
- "Oblíquo Setembro de equinócio tarde", Portugal Socialista, Janeiro, 1984.
- "Canção do Amor Primeiro", Sete Poemas para Júlio (Biblioteca Nacional, cota nº L39709), 1988.
- "No meu Paiz", Escritor, nº 4, 1995.
- "D. António Ferreira Gomes. Bispo do Porto"; "Naquele tempo" ["Dois poemas inéditos"], Jornal de Letras, 16 Jun., 1999.

Contos

- Contos Exemplares (1962, Lisboa, Livraria Moraes Editora; 24ª ed. 1991)
- Histórias da Terra e do Mar (1984, Lisboa, Edições Salamandra; 3ªed., Lisboa, Texto Editora, 1989)

Contos Infantis

- A Menina do Mar (1958)
- A Fada Oriana (1958)
- Noite de Natal (1959)
- O Cavaleiro da Dinamarca (1964)
- O Rapaz de Bronze (1965)
- A Floresta (1968)
- O Tesouro (1970)
- A Árvore (1985)

Teatro

- O Bojador (1ª ed. s/d, 2ª ed. 2000, Lisboa, Editorial Caminho)
- O Colar (2001, Lisboa, Editorial Caminho)

Ensaio

- "A poesia de Cecília Meireles" (1956), Cidade Nova, 4ª série, nº 6, Novembro 1956
- Cecília Meireles (1958), in Cidade Nova
- Poesia e Realidade (1960), in Colóquio, nº 8
- "Hölderlin ou o lugar do poeta" (1967), Jornal de Comércio, 30 de Dez. 1967.
- O Nu na Antiguidade Clássica (1975), in O Nu e a Arte, Estúdios Cor, (2ª ed., Lisboa, Portugalíia; 3ªed. [revista], Lisboa, Caminho, 1992)
- "Torga, os homens e a terra" (1976), Boletim da Secretaria de Estado da Cultura, Dezembro 1976
- "Luís de Camões. Ensombramentos e Descobrimentos" (1980), Cadernos de Literatura, nº 5

- "A escrita (poesia) " (1982/1984), Estudos Italianos em Portugal, nº 45/47

Tradução por Sofia de Melo Breyner Andresen

- A Anunciação de Maria (Paul Claudel) – 1960, Lisboa, Editorial Aster
- O Purgatório (Dante) – 1962, Lisboa, Minotauro
- "A Hera", "A última noite faz-se estrela e noite" (Vasko Popa); "Às cinzas", "Canto LI", "Canto LXVI" (Pierre Emmanuel); "imagens morrendo no gesto da", "Gosto de te encontrar nas cidades estrangeiras" (Edouard Maunick), O Tempo e o Modo, nº 22 - 1964
- Muito Barulho por Nada (William Shakespeare) - 1964
- Medeia (Eurípedes) - 1964
- Hamlet (William Shakespeare) – 1965
- "Os reis Magos", tradução de um poema do Eré Frene, Colóquio - Revista de Artes e Letras, nº 43, 1967.
- Quatre Poètes Portugais (Camões, Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa) – 1970
- A Vida Quotidiana no Tempo de Homero, de Émile Mireaux, Lisboa, Livros do Brasil, s.d. [1979]
- Ser Feliz, de Leif Kristianson, Lisboa, Presença, 1980
- Um Amigo, de Leif Kristianson, Lisboa, Presença, 1981
- Medeia, de Eurípedes (inédito) [199-]

Prémios

- 1964 - Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores, atribuído a Livro Sexto.
- 1977 - Prémio Teixeira de Pascoaes

- 1979 – Medalha de Verneil da Societé de Encouragement au Progrés, de França
- 1980 – Ordem Militar de Sant'Iago de Espada
- 1983 - Prémio da Crítica, do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários, pelo conjunto da sua obra
- 1989 - Prémio D. Dinis, da Fundação da Casa de Mateus
- 1990 - Grande Prémio de Poesia Inasset / Inapa
- 1992 - Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças
- 1994 - Prémio cinquenta anos de Vida Literária, da Associação Portuguesa de Escritores
- 1995 - Prémio Petrarca
- 1995 – Homenagem de Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lisboa, pelo cinquentenário da publicação do primeiro livro "Poesia"
- 1995 - Outubro – Placa de Honra do Prémio Fransesco Petrarca, Pádua, Itália
- 1996 - Homenageada do "Carrefour des Littératures", na IV Primavera Portuguesa de Bordéus e da Aquitânia
- 1998 - Prémio da Fundação Luís Miguel Nava
- 1999 - Prémio Camões (primeira mulher portuguesa a recebê-lo)
- 2000 - Prémio Rosalia de Castro, do Pen Clube Galego
- 2001 - Prémio Max Jacob Étranger
- 2003 - Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-americana

Simulação de Autobiografia

Eu, Sophia de Mello Breyner Andresen, nasci a 6 de Novembro de 1919, na cidade do Porto.

Durante a minha infância e juventude passava os verões em Granja, e este sítio tão belo e especial serviu de inspiração em muitos dos meus poemas e contos.

Estudei no Colégio Sagrado Coração de Maria, no Porto, e fui criada na velha aristocracia portuense, dentro dos valores tradicionais da moral cristã.

De muito pequenina fiz-me poeta, incentivada por uma criada que me era muito querida, já recitava aos 3 anos de idade.

Também em noites de trovoada tínhamos uma governanta que ao queimar alecrim, e acendendo velas, rezava, criando uma ambiente misto de religião e magia, e nessas noites cresceram muitas coisas, em minha mente.

Sempre vivi no meu mundo de imaginação, e nos belos verões que passei em Granja, construía as minhas próprias histórias. Ora era uma bela jovem destemida, que caminha entre as matas, subia as árvores, que lutava e descobria mistérios que só existiam no meu mundo, como era uma simples menina que adorava o mar, e que brincava no meio dos rochedos e nadava, com os meus amigos marinhos, os peixes, os golfinhos, as sereias.

Era tão belo esse meu mundo, eu tinha uma visão completamente diferente de todas as outras meninas, por vezes brincava sozinha e meus amigos eram somente os seres da natureza, os pássaros, as árvores, os animais, as flores, a lua e pareciam que me reconheciam e falavam e brincavam comigo, outras vezes brincava com duas amigas de infância que entravam no meu mundo, e se divertiam com a minha imaginação, vivíamos em castelos e palácios, corríamos em vales e montes e nadávamos na fria água do mar, afinal o que interessava era a liberdade, beleza, perfeição e mistério que havia em cada uma das minhas vivencias.



Nos verões em Granja eu era quem eu quisesse e podia viver todas as aventuras que me eram proibidas entre os meus entes queridos e na minha escola.

Os anos foram se passando e fiz muitas coisas, deixei por algum tempo esse meu mundo de fantasia e aos 17 anos inscrevi-me na Faculdade de Letras de Lisboa, em Filologia Clássica, curso que não cheguei a terminar.

Casei-me em 1946, com o jornalista, político e advogado Francisco Sousa Tavares e fui mãe de 5 lindos filhos.

E foi aí, depois de os meus filhos nascerem que começou a minha jornada como autora de contos infantis.

Eram os meus filhos pequeninos, e certo dia adoeceram com sarampo, na altura era inverno, e foi-me recomendado que eles não poderiam sair da cama, como tal, tive que arranjar maneira dos manter entretidos.

Primeiro tentei ler-lhes histórias tradicionais, mas não suportei tamanha pieguice de linguagem, nem sequer a sentimentalidade das mensagens, aquilo pareciam histórias de patetas.

Foi então que resolvi tornar a vivenciar todas as minhas aventuras do passado, afinal em outros tempos eu era interprete de belas histórias e de belos contos, que a mim me fascinavam.

Obtive o resultado que queria, os meus filhos depressa entraram no meu mundo e como em minha mente tinha mais presente aquela menina que vivia junto ao mar, e que adora brincar junto dos rochedos e nadar com os seres marinhos, resolvi que ela seria o centro das minhas imaginações, e a partir desse meu mundo real e imaginário, comecei a contar a história que mais tarde chamei de “Menina do Mar”.

Os meus filhos deliciados com as minhas belas aventuras, ajudavam e iam perguntando, de que cor era o vestido ou o que é que dizia o peixe, dando assim um toque especial nos meus contos.



Também gosto de relembrar as casas da minha infância, pois sempre tive muito boa memória visual, e conto em detalhe, as divisões, os móveis, os pequenos pormenores, dando assim outra experiência das minhas fantasias.

A partir daí, todas as minhas histórias para crianças foram escritas a partir de lugares, vivências, que obtive na minha infância.

Também preciso da magia da noite para escrever, não consigo escrever de manhã, preciso daquela concentração que se vai criando pela noite fora, e da inspiração que a lua e as estrelas me dão.

Em 1964 recebi o prémio de Poesia pela sociedade Portuguesa de Escritores pelo meu livro “Livro Sexto”.

Depois disso e antes do 25 de Abril de 1974 fiz parte de diversas organizações de resistência, e ajudei a fundar a Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos.

Depois do 25 de Abril, fui deputada à Assembleia Constituinte, no qual posso referir que detestada certos trabalhos, afinal não era aquela a minha vocação.

Fui distinguida também como contista (contos exemplares), e pelos meus livros infantis.

Cheguei a ser tradutora de Dante Alighieri e Shakespeare e também fui membro da Academia das ciências de Lisboa.

E para além doutros prémios, também fui a primeira mulher a ser reconhecida com o prémio Camões em 1999, e também fui distinguida com o prémio Rainha Sofia, em 2003.



Resumo da obra

“A Fada Oriana”



Era uma vez uma fada que se chamava Oriana, e era uma fada boa e era muito bonita. Um dia a rainha das fadas chamou-a e disse-lhe:

-Oriana, entrego-te esta floresta. Todos os homens, animais e plantas que aqui vivem, de hoje em diante, ficam à tua grande. Tu és a fada desta floresta. Prometes-me que nunca a hás-de abandonar.

E Oriana disse:

-Prometo.

E a partir daquele dia Oriana começou a tomar conta das coisas, e todas as manhãs levantava-se mal o primeiro raio de sol entrava na floresta e cuidava de todos. Certa manhã de Abril, Oriana acordou ainda mais cedo que o costume.

E Oriana foi visitar a velha. Oriana todos os dias ouvia as lamentações da velha e ficava triste. E todos os dias Oriana tocava com a sua varinha de condão e fazia aparecer o que mais fazia falta. Depois como em todas as manhãs Oriana ajudou a velha a apanhar ramos secos para ir vender a cidade e guiou-a, para que ela ao caísse no abismo. Quando a velha acabou de vender a lenha, voltaram as duas a floresta, e Oriana seguiu para a casa do lenhador.

O lenhador era muito pobre, e Oriana antes de entrar apanhou três pedrinhas brancas e deu a volta a casa para ver o que faltava. E quase todos os dias Oriana entrava na casa do lenhador, levava três pedrinhas e transformava-as nas coisas que faziam mais falta. Quando Oriana saiu da casa do lenhador foi para a casa do moleiro.

O moleiro tinha 11 filhos e a sua mulher era muito desordenada e distraída, então a casa estava sempre toda desarrumada. Então quase todos os dias Oriana arrumava a casa do moleiro.

De seguida Oriana foi a casa do homem muito rico. Oriana deu a volta a casa e entrou pela janela da sala. A sala estava cheia como um ovo e quando as coisas viram Oriana puseram-se a falar todas ao mesmo tempo, e todas as coisas foram pedindo para que ela as levasse para outro sítio.

-Minhas queridas coisas – disse Oriana, - eu não posso fazer o que me pedem. Se eu as fizesse desaparecer daqui, o dono da casa teria um grande desgosto.

Então Oriana e as coisas pensaram que o dono poderia dar algumas das suas coisas. E Oriana escreveu num papel:

Quem dá aos pobres empresta a Deus. Dá metade dos teus móveis aos pobres.

Depois o espelho pediu a Oriana que tirasse a bailarina da sua frente. Então Oriana pegou nela e pô-la do outro lado da sala.

De seguida a porta abriu-se e entrou o Homem Muito Rico. Mal entrou viu o bloco de papel, leu o que estava lá escrito, e depois viu que a bailarina tinha sido mudada de sítio, e ficou furioso. Tocou a campainha e mandou chamar todos os criados, e quis saber que tinha feito aquilo. Oriana ouviu, e num abrir e fechar de olhos, fez desaparecer o que estava escrito e tocou na bailarina para que ela voltasse para a sua prateleira.

Quando o Homem Muito Rico viu que não estava nada escrito no bloco e que a bailarina estava no seu sítio, pensou que estava a ficar doido, e ficou outra vez furioso e envergonhado e mandou os criados embora.

Foi então que Oriana reparou que ele era careca como um ovo, e ficou cheia de pena e resolveu pôr-lhe cabelo. O Homem Muito Rico, sentiu comichão na cabeça e foi verificar ao espelho e viu que tinha a cabeça cheia de cabelo novo a nascer e ele ficou muito entusiasmado. E decidiu recompensar uma viúva que tinha ido pedir emprego para o filho e que lhe tinha dado um frasco com um remédio dentro. E então ofereceu um trabalho ao filho da viúva. Ouvindo isto Oriana pensou:

- Até que enfim! Consegui fazer alguma coisa nesta casa.

Oriana foi pela floresta fora e depois de se sentar ouviu uma voz que a chamava. A fada voltou-se e viu um peixe a saltar na areia. Oriana agarrou no peixe e tornou a pô-lo dentro de água.

Foi então que Oriana enquanto olhava para o peixe viu o seu reflexo na água, e viu os seus olhos azuis como safiras, os seus cabelos loiros como searas e a sua pele branca como lírios. E pensou:

- Que bonita que eu sou. Sou tão linda e nunca tina pensado nisso.

Oriana estava maravilhada com a sua descoberta, e as horas foram passando e veio a noite e com ela o rio escureceu. Então lembrou-se de que era hora de ir visitar o seu amigo Poeta, porque era a única pessoa crescida que podia ver Oriana. Oriana entrou pela janela e o Poeta pediu-lhe que ela encanta-se a noite e depois disse-lhe:

- O que me trazes é muito mais importante do que a beleza. No mundo a muitas meninas bonitas, mas só tu podes encantar a noite porque és fada.

No dia seguinte Oriana foi levar a velha a cidade, mas mal voltou voou rapidamente para o rio, e chamou o peixe, e perguntou-lhe:

- Quero saber se o meu reflexo no rio é mais bonito do que eu.

E o peixe respondeu:

- Nada no mundo é tão bonito como tu.

Mas o peixe disse-lhe que ela deveria mudar de penteado, e começou a ensiná-la. Até que escureceu e Oriana foi visitar o Poeta.

No dia seguinte, depois de levar a velha a cidade, foi a correr ajoelhar-se em frente ao rio, e esqueceu-se de ir a casa do lenhador, do moleiro, de tomar conta dos animais, de regar as flores, mas a noite foi visitar o Poeta.

E, daí em diante, Oriana foi abandonando todos na floresta, e um dia abandonou também o Poeta, pois começou a encher a margem do rio com pirilampos e fogos-fátuos e passava também as noites a ver-se na água. Esqueceu-se de todos os seus amigos, a única pessoa que ela continuava a visitar era a velha.

E durante a Primavera, Verão e Outono, ela enfeitou-se com flores e folhas, mas no Inverno só havia violetas e ao fim de algum tempo o peixe disse que ela deveria variar. E o peixe deu-lhe um anel e mandou-a ir ter com o peixe Salomão, e trocar o anel por mil pérolas do mar. Então Oriana esperou sete dias e sete noites que o peixe volta-se, de vez em quando lembrava-se da velha, mas pensava: «com certeza que o peixe não há-de demorar. Ela nem vai dar pela minha falta.» Mal chegou foi-se enfeitar com as pérolas. Mas de repente apareceu ao seu lado, a rainha das fadas, e disse-lhe:

- Oriana, faltas-te a tua promessa e abandonas-te a floresta. Por isso, Oriana, deixarás de ter asas e perderás a tua varinha de condão.

Oriana levantou-se com a cara coberta de lágrimas e pediu a rainha:

- Dá-me outra vez as minhas asas! Dá-me outra vez a minha varinha de condão! Perdoa-me a minha vaidade. Mas a rainha respondeu:

- Vai pela floresta fora e vê o mal que fizeste. Só tornarás a ter asas quando tiveres desfeito todo o mal que fizeste. E mal acabou de dizer estas palavras, a rainha desapareceu.

Oriana chamou o peixe, mas o peixe não apareceu, e Oriana levantou-se e começou a percorrer a floresta. A floresta parecia despovoada, não se ouvia pássaros, nem havia flores, Oriana tentou chamar os animais mas só apareceu uma víbora, que lhe contou que todos os animais tinham ido embora para os montes, pois a fada tinha os abandonado e não tinham ninguém para os proteger.

Oriana seguiu o seu caminho e ao fim de muito andar chegou a casa do moleiro. A casa parecia ter sido abandonada, mas ouviu-se um ruído, era um rato. Que lhe contou que o moleiro, a moleira e os filhos tinham ido viver para a cidade, pois um dos filhos mais novos tinha desaparecido.

Depois foi andando até chegar a casa do lenhador, e tinha desaparecido tudo, Oriana ajoelhou-se ao pé do lume apagado e chorou. E apareceu uma formiga, que lhe contou que depois que ela tinha desaparecido, passou a haver fome, frio e miséria e um dia o lenhador decidiu ir com a família para a cidade.

Cá fora já anoitecia. E a fada pôs-se a caminho da torre do Poeta, mas quando lá chegou viu que o quarto estava vazio, e viu uma aranha a descer do tecto que lhe contou que o Poeta tinha esperado por ela noite e noite sem fim, até que uma noite quando cantou o primeiro galo ele decidiu ir embora para a cidade.

E Oriana no fim partiu para a cidade, para tentar ir buscar os seus amigos. Quando chegou, foi pela cidade fora perguntando pelo moleiro a toda a gente, até que passou por um gato e lhe mostrou onde eles viviam.

Oriana falou com a mulher do moleiro, contou-lhe tudo e pediu-lhe que volta-se para a floresta, mas ela disse que só acreditava nela se ela lhe trouxesse de volta o filho que se perdeu. Oriana, ficou muito triste e decidiu ir a procura do lenhador, procurou até que um cão vadio lhe mostrou onde eles estavam.

Oriana foi falar com a mulher do lenhador, que lhe contou quer o lenhador estava preso, e pediu que a fada a ajuda-se. Oriana pediu que ela volta-se para a floresta mas ela disse que só iria se ela primeiro fosse buscar o seu marido a prisão. De seguida Oriana pôs-se a procura do Poeta. Conseguiu encontra-lo mas ele não acreditou nela e mandou-a embora.

Então Oriana voltou para a floresta e depois de descansar, decidiu ir a procura do filho do moleiro, e foi a caminho dos montes, pois os animais haveriam de saber onde encontra-lo. Quando lá chegou contou aos animais que era a fada Oriana, mas os animais não acreditaram nela, pois ela não tinha asas nem varinha de condão, e pediram para ela apresentar testemunhas, porque senão não lhe entregavam o filho do moleiro, e ela lembrou-se do peixe. E então combinaram encontrar-se para que o peixe dissesse que a rainha a tinha castigado. Mas no dia seguinte, Oriana pôs-se a chamar pelo peixe o peixe não apareceu. E depois de muitos os animais ficaram zangados e foram-se embora levando o menino com eles. Então Oriana ouviu uma voz doce, meiga e ondulada a chamar por ela.

Era uma fada muito bonita e trazia na mão umas asas com mil cores como as das borboletas, e quis oferecer-lhe as asas mas primeiro Oriana tinha que fazer uma promessa. Disse-lhe que era a rainha das fadas más e que Oriana tinha que prometer que ia cumprir as suas ordens. Mas Oriana recusou, pois era uma fada boa e jamais ia fazer maldades.

Depois, Oriana pôs-se a caminho da cidade. Andou, andou e no meio do caminho viu um vulto e percebeu que era a velha.

Mas reparou que a velha se tinha enganado na direcção e ia a caminhar para o abismo. Ela gritou mas a velha não a ouvia e ela correu o mais depressa que pode.

Mas quando Oriana estendeu o seu braço para agarrar a velha, esta deu mais um passo e caiu no abismo, e esquecendo-se que não tinha asas, saltou no abismo para salvar a velha. Conseguiu apanhá-la e lembrou-se que não tinha asas, mas de súbito, apareceu no ar a rainha das fadas, e no mesmo instante Oriana e a velha ficaram suspensas no ar.

E a voz alta e direita disse:

- Oriana, cumpriste hoje a tua promessa. Para salvar a velha, esqueces-te de ti e saltaste para o abismo, e como hoje cumpriste a tua promessa ordeno que nasçam duas asas nos teus ombros.

E dando-lhe a sua varinha de condão, a rainha ainda disse:

- Toma esta varinha e não esqueças nunca mais a tua promessa!

E dito isto ela desapareceu, Oriana depressa pousou a velha no chão e voou rapidamente para os montes.

Quando lá chegou, pediu para lhe entregarem o filho do moleiro, e eles assim o fizeram. Oriana voou para a cidade e foi bater a porta do moleiro e entregou o filho a moleira, e esta disse que voltariam todos para a floresta no dia seguinte.

De seguida Oriana foi a prisão e soltou o lenhador, e nesse mesmo dia o lenhador voltou para a floresta, mais a mulher e o filho.

E quando chegou a noite, Oriana foi ter com o Poeta, e quando ele viu que era ela foi com ela e quando chegaram a floresta o Poeta pediu:

- Oriana, encanta tudo.

E Oriana levantou a sua varinha de condão e tudo ficou encantado.



FIM

Comentário pessoal sobre a obra

Gostei muito desta obra, é uma história cheia de sonhos e magia, que já me fazia sonhar quando eu era pequena.

Agora voltei a ler o livro e gostei igualmente, se bem que já tenho uma maneira diferente de interpretar o livro.

É uma história que nos leva para o mundo imaginário, onde tudo se resolve com a ajuda de uma pequena fada mas que mesmo assim nos mostra que tudo pode mudar a qualquer momento.

Ensina-nos que não podemos só olhar para nós próprios, pois isso pode ter consequências muito negativas na nossa vida e na vida dos outros, e que temos que ter amor e compaixão para com os outros.

Faz-nos ver também que não somos nada sozinhos e que devemos ter humildade no coração e não devemos nos esquecer de ajudar os outros, pois também nós precisamos de ajuda, às vezes.

Acho que é uma bela história de crianças, que também pode fascinar os adultos, pois é muito rica em detalhes, fazendo qualquer pessoa sonhar ao lê-la.



Conclusão

Gostei muito de fazer o trabalho sobre a Sophia de Mello Breyner, pois é uma escritora que gosto muito.

Foi uma mulher admirável, que escrevia com bastante sabedoria e que enriquecia as suas histórias com beleza e inspiração.

Gostei de pesquisar sobre ela, pois apesar de conhecer alguns dos seus livros infantis e conhecer alguns dos seus poemas, não conhecia muito do seu percurso de vida, assim com a ajuda deste trabalho pude conhecer melhor alguma da sua história.

Não foi um trabalho difícil de realizar, pois encontra-se com muita facilidade informação disponível na internet.

E apesar de ter realizado o trabalho para avaliação deste módulo, gostei muito de o ter feito.



Bibliografia (trabalho)

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner; A Fada Oriana; 13^o edição; Figueirinhas; 1988

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner; A Floresta; 25^o edição; Figueirinhas;

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner; O Cavaleiro da Dinamarca; 45^o edição; Figueirinhas

<http://www.calendario.cnt.br/sophia.htm> , consultado em 11 de Março de 2011.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Sofia_de_Melo_Breyner, consultado em 14 de Março de 2011.

- Na Simulação da autobiografia, pode retirar-se a parte final, aquela que faz alusão à morte da autora;

- O seu Resumo, para além de conter Disc Directo, está muito idêntico ao texto original. Deveria ter resumido mais;

No geral, apresenta um trabalho muito bem estruturado, completo e digno de uma leitura atenta!

Muito Bom (17,9 valores)